

No cinema e no trânsito,

o GUARDA de azul

Em 1963, a cidade tinha apenas quatro semáforos. Não era preciso mais para controlar o fluxo dos veículos em uma Campinas de 250 mil habitantes. O trânsito mais pesado concentrava-se no quadrilátero formado pela rua Barão de Jaguara, General Osório, Conceição e Glicério, onde estavam instalados verdes, amarelos e vermelhos. Naquela cidade ordeira e pacata, de habitantes que desde o início do século vinham sendo educados para civilizar o País, ser multado pelo guarda Civil era um vexame. Não pelo valor da multa, que era pequena, mas porque um cidadão campineiro, pobre ou rico, jamais cometeria uma infração de trânsito.

O guarda Civil Agostinho Mozar Santos um dia teve que multar um senhor que estacionou irregularmente o carro na rua César Bierrembach. "Era um médico", conta. "Ele quase chorou, me implorou, mas eu já havia preenchido a folha do talão, não havia como voltar atrás. Fiquei com muita pena dele. Para o médico, 20 cruzeiros não representavam nada, mas fosse pobre ou rico, o valor moral é que pesava."

Agostinho Mozar vestia-se de azul, como todos os 18 mil guardas civis que formavam a corporação no Estado de São Paulo, criada em 1928 para auxiliar a Força Pública. No trânsito, girava um bastão e tinha também um apito. "Em Campinas, éramos uns duzentos mais ou menos, na época em que um decreto de 31 de dezembro de 1969 extinguiu a corporação." Mozar contempla as fotos, retiradas de uma caixa guardada com muito carinho. Foi um belo tempo e seus olhos brilham de saudade. A esposa lhe traz a antiga roupa, para que ele atenda nossa sessão de fotos. A medida do amor

pela corporação de azul-marinho está ali, com vincos: a roupa se conserva por trinta anos. Será difícil abotoar o casaco azul, pois os anos acrescentaram uns quilos a mais ao prestativo guarda. Mas as fotos serão tiradas.

"Este era o uniforme meia-gala", explica. Gravata, casaco, um pano branco que cobre as meias e se debruça sobre o calçado, os alamares, esses cordões brancos entrelaçados, que partem dos ombros, descem pelo peito e ajudam a abotoar. No lado esquerdo do peito, um "P" bordado indicava o seu número. No centro do quepe, a placa dourada com o emblema da Guarda Civil. Ele só não guardou o espaldim, pois não podia, era da corporação. Roupas pôde levar de lembrança, pois são de uso pessoal. Com uniformes de gala, os guardas se apresentavam em grandes recepções a autoridades, em casamentos e até funerais. Eram requisitados pela população civil, e a corporação escalava quatro ou cinco para os eventos. Ou mais, se necessário. Ele sempre foi designado para festas, ficou perfilado em portas de igreja, em audições. Certa vez, teve que caminhar um bom trecho por estrada de terra para trabalhar em um casamento no Jardim Aurélia. Quase sujou o uniforme de terra, além de esbarrar em pedaços de frango nas mesas da festa ou quase escorregar em salgadinhos que caíram no chão.

Mas os anos de 1964, 65 e 66 ficaram especialmente na memória. Nesse período, não trabalhou no trânsito, mas apenas em diversões públicas, cinemas e teatros. Organizava as filas dos cinemas e também fiscalizava o salão. "O filme Quo Vadis permaneceu em cartaz no Windsor por mais de uma semana. Era um filme longo, com intervalo, e a gente trabalhava mais, porque a sessão acabava terminando muito tar-

de". Ele preferia ser escalado para o Casablanca (que seria transformado no Teatro Castro Mendes) e o Alvorada (no início da Regente Feijó), porque tinham sessões únicas. Trabalhou em todos os cinemas da época:

Brasília, Windsor, Voga, Carlos Gomes, São José, São Jorge, Real, Casablanca e Ouro Verde. Em seu tempo de guarda, já não existia o Cine Rink. "Eu tinha 17 anos, estava em um baile no Guanabara quando veio a notícia do desabamento do teto".

Ficou na lembrança, como um encantamento, o então espetacular som estéreo do Cine Ouro Verde. Também não se esquece das harpas desenhadas nas paredes, um belo cinema, com 800 lugares. Do Cine Carlos Gomes (hoje ingreja da Assembléia de Deus) guarda a recordação de enormes filas: "O cinema tinha duas bilheteiras, mais ou menos distantes uma da outra. As filas da rua Campo Sales e Ernesto Kulman iam se juntar na General Osório com a outra fila que vinha da Álvares Machado. Era uma beleza uma sessão de cinema. Cada casa tinha em média mil cadeiras, hoje os cinemas são para 160 pessoas". Verdade. Sua esposa foi ao Unimart levar uma netinha e quando chegou não havia

*Trânsito
traquilo e
apenas quatro
semáforos no
centro da
cidade*

mais lugar. Que se lembre, alguns poucos cinemas tinham cortina que cobriam a tela. O Brasília, o Ouro Verde e o Windsor. A tela do Ouro Verde estava voltada para o centro da cidade. E apenas dois cinemas, se não lhe falha a memória, tinha um segundo andar, o "pullman": o Carlos Gomes e o Casablanca. Bombonieres, gente vendendo balas durante as sessões e lanterninhas, são visões que ainda o marcam. Ele se lembra de que Mazzaropi e Oscarito atraíam os mais humildes, mas "filme brasileiro" era pouco visto. O escurinho do cinema nunca lhe deu trabalho, embora a malícia tenha nascido já nos jardins do Eden. Nunca um lanterninha o chamou para pôr ordem no comportamento. Os guardas eram vistos circulando, e isso bastava. Um vexame, naqueles tempos, fosse de multa no trânsito ou fosse pela tentativa de pegar além da mão, era um horrível vexame. "Hoje, só falta fumarem dentro do cinema. Naqueles anos 60, era uma paz completa. Que eu me lembre, só passei vergonha uma vez, na sala de espera do Windsor. O pessoal ficava esperando a sessão anterior terminar para pegar o seu lugar, quando as portas de entrada se abriam. No meio de tanta gente, meu espadim se enroscou na braguilha de um sujeito e quase não havia espaço para a gente resolver o problema. Foi chato..."

Mas já passou.



GUERINO MOURÃO



CINEMA SCOPE
 Exibindo em Cinema
 Cinematográfico
 Português

JARDIM do PECADO
 com JULIO COOPER, RITA HAYWARD, EDWARD ROYCE, ROBERT MONTAGNA

HOJE - CINE OURO VERDE

4 sessões

às 14.00	tarde
às 16.30	tarde
às 19.00	noite
às 21.00	noite

Entrada - 10.000

Sala do Cine Windsor,
 fachadas dos cines Ouro
 Verde e São José, cartaz de
 filme em 1955 e trânsito
 tranqüilo: o guarda Agostinho
 Mozar tinha pouco trabalho



Lembranças do escurinho do cinema

GUSTAVO MAGNUSSON

Nos anos 60, longas filas se formavam nas calçadas da rua Conceição para a compra de ingressos. As sessões do Cine Ouro Verde lotavam. Hollywood vivia uma época de esplendores e Rock Hudson, Gary Cooper, Elizabeth Taylor e James Dean faziam redobrar o trabalho do guarda Mozar, elegantemente fardado, com uma reluzente espada na cintura.

“Havia dois guardas na porta e dois lá dentro”, lembra José Jesus Candrevas, proprietário de bar no bairro do Proença. “Eles mantinham a ordem nas filas e na porta de entrada”. Pelas lembranças de grandes filmes que viu no Ouro Verde. Candrevas vê passar também o “lanterninha” para conduzi-lo à cadeira vaga. “O lanterninha mostrava pra gente uma cadeira vazia e nos levava até lá. Era um tipo de cadeira que se afastava para trás, o banco era móvel e assim o sujeito que estava sentado podia abrir espaço para um outro passar. Nunca mais vi dessas cadeiras”.

Os ventiladores do cinema espalhavam no recinto o cheiro suave do drops de hortelã, hálito comum a todos. As meninas guardavam lugar para os rapazes. “A tela permanecia fechada por duas grandes cortinas que se abriam no meio quando o filme ia começar. E a gente sabia que ia co-



Candrevas, dono de bar: música anunciava sessão

meçar porque as luzes iam se apagando devagar e começava então a torcer aquela musiquinha (*Tema de A Summer Place*, com a orquestra de Billy Vaughn)”. Não havia publicidade antes do filme, havia os trailers, resumos das próximas fitas. “Passava também o Canal 100, que mostrava lances de jogos e gols no Maracanã. O Canal 100 era uma atração, porque os jogos eram filmados de perto do gramado, parecia que a gente estava perto do jogador. Até o suor no rosto dos jogadores dava para ver”.

Candrevas gostou tanto de “Matar ou Morrer”, que foi ver os tiros de Gary Cooper e Burt Lancaster três vezes. “É uma pena que hoje só tenha cinemas nos shoppings. Devia ter uma rede de cinemas na cidade, mas infelizmente quando tem um cinema ele só passa fil-

me pornográfico...” Ultimamente, Candrevas anda procurado nas locadoras os filmes que marcaram sua juventude. “Você sabe se tem em fita “Assim Caminha a Humanidade”? - pergunta. “Mas se eu encontrar, não sei se vou ter tempo de ver. Era um filme muito longo, lembra? E eu trabalho até tarde”.

Cinemas dos anos 50, 60 e 70

Rink (Barão de Jaguará)
São Carlos (r. César Bierrembach)
República (Barão de Jaguará)
Voga (Gal. Osório c/ Anchieta, hoje casa de jogos)
Carlos Gomes (Campos Sales, hoje sala da Igreja Universal)
Brasil (Regente Feijó)
Casablanca (Vila Industrial)
Alvorada (na atual Aquidabã)
Ouro Verde (r. Conceição)
São José (r. Paula Bueno)
Real (Bonfim)
São Jorge (Taquaral)

FILMES E ATORES QUE GANHARAM O OSCAR

Ano	Filme	Ator	Atriz	Diretor
1950	A Malvada	José Ferrer (<i>Cyrano de Bergerac</i>)	Judy Holiday (<i>Nascida Ontem</i>)	Joseph Mankiewicz (<i>A Malvada</i>)
1951	Sinfonia de Paris	Humphrey Bogart (<i>Uma Aventura na África</i>)	Vivien Leigh (<i>Uma Rua Chamada Pecado</i>)	George Stevens (<i>Um lugar ao sol</i>)
1952	O Maior Espetáculo da Terra	Gary Cooper (<i>Matar ou Morrer</i>)	Shirley Booth (<i>A Cruz da Minha Vida</i>)	John Ford (<i>Depois do Vendaval</i>)
1953	A Um Passo da Eternidade	William Holden (<i>Inferno 17</i>)	Andrey Hepburn (<i>A Princesa e o Plebeu</i>)	Fred Zinnemann (<i>A um Passo da Eternidade</i>)
1954	Sindicato de Ladrões	Marlon Brando (<i>Sindicato de Ladrões</i>)	Grace Kelly (<i>Amar é Sofrer</i>)	Elia Kazan (<i>Sindicato de Ladrões</i>)
1955	Marty	Ernest Borgnine (<i>Marty</i>)	Ana Magnani (<i>Rosa Tatuada</i>)	Delbert Mann (<i>Marty</i>)
1956	A Volta ao Mundo em 80 Dias	Yul Brinner (<i>O Rei e Eu</i>)	Ingrid Bergman (<i>Anastásia</i>)	George Stevens (<i>Assim Caminha a Humanidade</i>)
1957	A Ponte do Rio Kwai	Alec Guinness (<i>A Ponte do Rio Kwai</i>)	Joanne Woodward (<i>As Três Faces de Eva</i>)	David Lean (<i>A Ponte do Rio Kwai</i>)
1958	Gigi	David Niven (<i>Vidas Separadas</i>)	Susan Hayward (<i>Quero Viver</i>)	Vincent Minelli (<i>Gigi</i>)
1959	Ben-Hur	Charlton Heston (<i>Ben-Hur</i>)	Simone Signoret (<i>Almas em Leilão</i>)	William Wyler (<i>Ben-Hur</i>)
1960	Se meu Apartamento Falasse	Burt Lancaster (<i>Entre Deus e o Pecado</i>)	Elizabeth Taylor (<i>Disque Butterfield 8</i>)	Billy Wilder (<i>Se meu Apartamento Falasse</i>)
1961	Amor, Sublime Amor	Maximilian Schell (<i>Julgamento em Nuremberg</i>)	Sophia Loren (<i>Duas Mulheres</i>)	Robert Wise e Jerome Robbins (<i>Amor, Sublime Amor</i>)
1962	Lawrence da Arábia	Gregory Peck (<i>O Sol é para Todos</i>)	Anne Bancroft (<i>O Milagre de Anne Sullivan</i>)	David Lean (<i>Lawrence da Arábia</i>)
1963	As Aventuras de Tom Jones	Sidney Poitier (<i>Uma Voz nas Sombras</i>)	Patricia Neal (<i>O Indomado</i>)	Tony Richardson (<i>As Aventuras de Tom Jones</i>)
1964	My Fair Lady (Minha Bela Dama)	Rex Harrison (<i>Minha Bela Dama</i>)	Julie Andrews (<i>Mary Poppins</i>)	George Kucor (<i>Minha Bela Dama</i>)
1965	A Noviça Rebelde	Lee Marvin (<i>Dívida de Sangue</i>)	Julie Christie (<i>Darling, a que Amou Demais</i>)	Robert Wise (<i>A Noviça Rebelde</i>)
1966	O Homem que não Vendeu sua Alma	Paul Scofield (<i>O Homem que não Vendeu sua Alma</i>)	Elizabeth Taylor (<i>Quem tem Medo de Virginia Woolf?</i>)	Fred Zinnemann (<i>O Homem que não Vendeu sua Alma</i>)
1967	No Calor da Noite	Rod Steiger (<i>No Calor da Noite</i>)	Katharine Hepburn (<i>Advinhe quem vem Vem para o Jantar?</i>)	Mike Nichols (<i>A Primeira Noite de um Homem</i>)
1968	Oliver	Cliff Robertson (<i>Os Dois Mundos de Charlie</i>)	Katharine Hepburn (<i>Um Leão no Inverno</i>)	Sir Carol Reed (<i>Oliver</i>)
1969	Perdidos na Noite	John Wayne (<i>Bravura Indômita</i>)	Maggie Smith (<i>A Primavera de uma Solteirona</i>)	John Schlesinger (<i>Perdidos na Noite</i>)
1970	Patton	George Scott (<i>Patton</i>)	Glenda Jackson (<i>Mulheres Apaixonadas</i>)	Franklin Schaffner (<i>Patton</i>)